

**NO CAMPO DAS ESCALAS:  
O ENSINO E A PESQUISA PELO MÉTODO DA MICRO-HISTÓRIA**

Queila Guedes Feliciano\*\*

Mayara Millena Moreira Formiga\*\*

Ana Paula Nunes de Freitas\*\*

Professor/Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos\*

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais  
Centro de Formação de Professores  
Universidade Federal de Campina Grande

Este artigo tem por objetivo explicar o método da micro-história e o ofício do historiador adquirida em nossa experiência como monitoras da disciplina: “Tópicos Especiais em História” e “Introdução aos Estudos Históricos”, ministrada pelo professor Rodrigo Ceballos no período de 2009.1 e 2009.2.

Analisaremos os principais pressupostos teóricos e metodológicos da produção do conhecimento histórico, o trabalho do historiador, assim como questões de fontes documentais, com o propósito de discutir com os alunos em sala de aula as novas mudanças e tendências ocorridas no campo do saber histórico.

A partir das mudanças trazidas pelo movimento operário, houve a necessidade dos historiadores voltarem-se com maior ênfase para o campo das transformações e conflitos sociais. O grupo de historiadores que se destacaram nesse período foram os franceses ligados à revista *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch. Contestando as posturas científicas que acusavam a história de total subjetividade, Febvre e Bloch defendiam o caráter particular das ciências humanas, dizendo que as mesmas não podiam ser regidas por leis. Reconhecia também a necessidade de uma estreita colaboração entre as disciplinas sociais.

Por não aceitarem os pressupostos da historiografia política tradicional, que apenas passava pela superficialidade dos acontecimentos, os *Annales* apoiaram-se em uma história problema, ou seja, na interpretação e análise das fontes de acordo com o objetivo da pesquisa/problema de cada historiador. Esta “escola” de historiadores acreditava que todos os acontecimentos humanos deveriam ser vistos a partir desta concepção.

Evidentemente, essas novas perspectivas do movimento historiográfico não se limitaram ao grupo dos *Annales* e muito menos à França. Elas foram tanto uma mudança de produção de conhecimento e circulação cultural, como de convergência de interesses de historiadores europeus e norte-americanos. Como a análise da cultura não permanece imutável, mediante novas realidades nos fins de 1960 os historiadores voltaram-se para as questões do tempo presente.

Em 1974, Jacques Le Goff e Pierre Nora publicaram o livro *Faire l'histoire*, divulgando trabalhos de historiadores contemporâneos preocupados com novos problemas, objetos e abordagens da chamada “nova história”.

Na amostragem de novos objetos da história encontram-se trabalhos sobre o inconsciente, o mito, o cotidiano, as mentalidades, dentre diversos outros temas, elaborados a partir das fontes consultadas e discutidas pelos autores desta época e que vão mostrar as dimensões interdisciplinares de suas perspectivas.

## *I Encontro de iniciação à prática docente*

No decorrer dessa temporalidade, a historiografia francesa passou a trilhar os rumos das mentalidades, campo privilegiado dos principais historiadores da dita “terceira geração” dos *Annales*. Abriu-se, assim, o caminho para que a produção historiográfica francesa passasse a enfatizar não apenas a vida material, mas os processos mentais, a vida cotidiana e suas representações como o amor, a família ou a criança. Há uma mudança/retorno ao estilo da escrita dos historiadores desta geração, passando-se ao apego da narrativa e à descrição dos acontecimentos em detrimento das explicações globalizantes. As monografias sobrepunham-se à história total.

Entretanto, a chamada “Nova História” abriu-se de tal modo a outros saberes e questionamentos do tipo estruturalista que acabou pondo em risco a própria legitimidade do conhecimento histórico. Nesse contexto de crítica, vai surgir uma nova forma de conhecimento histórico que ficou conhecida como “História Cultural”. Essa nova maneira de se trabalhar a história procurou dar uma nova legitimidade aos estudos da “mentalidade”, dando maior ênfase a uma história cultural sem deixar de lado a própria história como disciplina específica.

A chamada nova história cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites “letradas”, mas revela especial apreço com a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças, heterodoxas. Em resumo, a nova história cultural revela em especial a ficção pelo informal, sobretudo pelo popular. (VAINFAS, 2002, p.57)

A pluralidade da nova história cultural, que recusou o conceito vago de “mentalidade”, se preocupou com o “popular” dando visibilidade a diferentes maneiras de se fazer uma história a partir de outros princípios, baseados na valorização das estratificações e dos conflitos sócio-culturais como objeto de investigação.

A partir das críticas e do desmembramento de uma “história das mentalidades”, é possível distinguir nos anos de 1970 ao menos três maneiras principais de se trabalhar com a história cultural.

Uma delas é a metodologia praticada pelo italiano Carlo Ginzburg, que se atém à noção de cultura popular (circularidade cultural), presentes em seus trabalhos de reflexão teórica, nas suas pesquisas sobre religiosidade, feitiçaria e heresia na Europa quinhentista.

Outra é a história cultural de Roger Chartier, historiador vinculado, por origem e vocação, à historiografia francesa, preocupado particularmente com os conceitos de representação e apropriação expostos em seus estudos sobre “leituras e leitores na França do Antigo Regime”.

Há ainda a história da cultura produzida pelo inglês Edward Thompson, especialmente na sua obra sobre o movimento social e do cotidiano das “classes populares” na Inglaterra do século XVII.

Considerando esta diversidade da produção atual de uma “história cultural”, vamos nos deter na “micro-história”. Método historiográfico que entrou em cena por meio de seu idealizador, Carlo Ginzburg.

A micro-história refuta o relativismo, o irracionalismo e a redução do ofício do historiador a uma narrativa puramente retórica, limitada a interpretar os textos e não o próprio acontecimento.

A ruptura introduzida por Carlo Ginzburg situa-se na construção de novos objetos como a história da feitiçaria, os ritos de fertilidade e a cosmogonia. Juntamente com essas novas abordagens surge um novo método que passou a ser utilizado pela

## *I Encontro de iniciação à prática docente*

historiografia e ficou conhecido como “método indiciário”. Ginzburg passou a trabalhar com a valorização dos fenômenos aparentemente marginais, protagonizados pelos marginalizados e excluídos, cuja verdadeira dimensão cultural e social passou a ser demonstrada.

A primeira obra de impacto publicada por Ginzburg foi *Il Bernandanti*, que trata de um culto de fertilidade ainda existente no século XVI na região do Friuli, no norte da Itália. De acordo com este costume existente desde o período medieval, aqueles que nasciam envolvidos na membrana amniótica estavam destinados a combater as bruxas numa batalha anual, cujo resultado dependeria o sucesso das colheitas a cada ano.

Ginzburg, analisando os processos instaurados pela Inquisição contra esses “andarilhos do bem” demonstrou historicamente a distância entre dois universos culturais. A “cultura dominante”, não compreendendo estes códigos que indicavam uma tradição diferente da mantida pelos inquisidores, situou este culto no sistema classificatório das heresias. Costumes populares que levaram os inquisidores a formular uma acusação de bruxaria aos seus praticantes e que encontrou resistências por parte dos próprios “andarilhos do bem”. Homens e mulheres que eram, assim como os inquisidores, tradicionalmente contrários e combatentes das “bruxarias”. O conflito entre estes dois códigos existenciais estão presentes nos depoimentos e inquéritos da Santa Inquisição, permitindo a análise por parte do historiador das discussões entre os padres e os populares “andarilhos”. Cosmogonias sobre as ações no mundo incompreensíveis para os inquisidores.

A aculturação dos camponeses estaria expressa pelo resultado obtido ao fim de dezenas de anos de insistência na perseguição desta configuração cultural arcaica: os “andarilhos do bem” acabaram por confessar a existência da bruxaria de acordo com o modelo sugerido pelos inquisidores. Ginzburg, a partir desta obra, nos levou a questionar se essa aceitação da pena foi realmente um sinal de “aculturação” ou práticas de um saber que encontraram numa aparente negação a saída para o fim da perseguição.

Este problema da relação entre os diferentes níveis de culturas é colocado novamente na obra *O Queijo e os Vermes*, onde é feita a análise dos processos instaurados pela Inquisição do século XVI a um moleiro friuliano, Domenico Scandella, conhecido popularmente por “Menochio”. Os processos são ricos em detalhes, pois a acusação não se remete a uma posição defensiva e de negação: Menochio sempre procurou argumentar como seus inquisidores e expôs suas idéias de maneira sempre aberta. As originalidades de suas declarações estão patentes na cosmogonia pessoal que esboça perante o tribunal. Essa cosmogonia é apenas um dos aspectos da visão de mundo de Menochio, ele tem as suas próprias opiniões sobre a doutrina da Igreja, sobre o poder eclesiástico e sobre a organização da sociedade.

As contribuições que Ginzburg introduziu na nova maneira de se fazer história foram renovadoras nas décadas de 1970 e 1980. Uma abordagem que privilegia os fenômenos marginais, as zonas de clivagem, as estruturas arcaicas, os conflitos entre configurações sócio-culturais. Abordagens que procederam, a partir da micro-análise de casos bem delimitados, a uma revelação de problemas de ordem mais geral.

Essas descobertas permitiram perceber uma cultura oral, que era patrimônio, por exemplo, não apenas de Menochio, mas também de um vasto seguimento da sociedade do Período Moderno. Em consequência, uma investigação que no início girava em torno de um indivíduo aparentemente fora do comum, acabou desembarcando numa hipótese geral sobre a cultura popular, mais precisamente sobre a cultura camponesa da Europa pré-industrial e como esta se portou numa época marcada pela difusão da imprensa e da Reforma Protestante. A população não é passiva. Os acontecimentos são “absorvidos” e reelaborados pelos camponeses que tiveram oportunidade, devido à imprensa, de

## *I Encontro de iniciação à prática docente*

conhecer o mundo dos livros – mesmo que esse conhecimento viesse da prática de simplesmente ouvir dos letrados o conteúdo deles e repassá-los oralmente aos demais, por meio de argumentos originais, tudo o que haviam entendido.

O fato dos camponeses serem iletrados não os impediu, como nos mostra Ginzburg, de se apropriarem dos conhecimentos de uma “elite letrada” e o praticarem à sua maneira. A Reforma Protestante será um impulso de coragem para que as expressões divergentes do conceito de fé proposto pela Igreja católica fossem propagadas e que práticas culturais que eram escondidas, mas não esquecidas, voltassem à tona. Para isso foi preciso que a Igreja instaurasse o movimento da Inquisição para reprimir essas práticas culturais divergentes. Ginzburg vai se aterá em seus estudos justamente do comportamento microscópico destas pessoas “sem história” diante destes acontecimentos globais.

Carlo Ginzburg formulou então a partir do estudo desses processos a hipótese da “circularidade” entre a cultura da classe dominante e das classes subalternas existentes na Europa pré-industrial. Um relacionamento “circular”, feito de influências recíprocas que se moviam de baixo para cima e de cima para baixo, rompendo com o conceito de autonomia ou continuidade da cultura camponesa. Mesmo que Menochio tenha entrado em contato de maneira mediadora ou não com ambientes “cultos”, suas afirmações em defesa da intolerância religiosa, seu desejo de renovação radical da sociedade apresentaram tons originais e não parece resultado de influências externas, passivamente recebidas. Pelo contrário, foram formulações próprias originais, elaboradas e discutidas por um moleiro de uma pequena vila que teve a oportunidade de passear entre “dois mundos”: o letrado e o popular.

Para trabalhar a micro-história, para analisar a existência das “circularidades culturais” numa dada sociedade, Ginzburg desenvolveu uma metodologia chamada “paradigma indiciário”. Cabe ressaltar a dificuldade do historiador em estudar a cultural popular, já que nós não podemos nos remeter ao passado para dialogar com o objeto de estudo e as fontes que temos, neste caso, são indiretas por serem escritas por alguém ligado à cultura dominante, fazendo com que as informações cheguem “filtradas”, transparecendo muito pouco as práticas e ideais do sujeito. Esse método exige que o historiador tenha um olhar sensível para aquilo que não é muito visível, um olhar atento ao que não está facilmente nos registros documentais, pois a fonte pensada dentro de um contexto e de uma teoria tem informações que poderão ser registradas caso saibamos “dialogar” com esse passado.

Esse método não se aplica somente a inquéritos, mas a qualquer trabalho com fontes documentais, principalmente as fontes primárias que podem revelar em sua escrita alguma aspecto importante sobre o que se está pesquisando, mas não era percebido pelo historiador. A micro-história valoriza este “diálogo” com as práticas individuais e suas cosmogonias. O método indiciário, portanto, faz com que o historiador tenha um olhar de detetive, não deixando passar despercebido nenhum detalhe, vestígio, pois naquilo que às vezes parece tão óbvio pode estar uma importante pista para a direção que se quer chegar na pesquisa.

Porém, quando falamos dos filtros que retém nossos objetivos da pesquisa nas teias do passado, não queremos dizer que a pesquisa histórica possui resultados deformados, pois os indícios existem e só precisam ser problematizados. Questionar o documento até que lhe traga informações não significa que a história esteja sendo inventada, pois as interpretações partem de questões baseadas nos documentos. A subjetividade não faz com que a história deixe de ser um conhecimento científico, uma vez que a mesma utiliza-se de métodos, como por exemplo, o “paradigma indiciário” que acabou de ser apresentado e que faz do historiador uma espécie de “detetive” que

## *I Encontro de iniciação à prática docente*

busca nas sendas do passado ações, pessoas, práticas que colaboraram para a construção das ações humanas, mesmo que as mais simples e ingênuas.

A partir da análise da micro-história, um dos objetivos deste mini-curso é mostrar que as fontes documentais históricas, sejam elas primárias ou não, apresentam um conjunto de informações que podem passar despercebidas ao olhar do historiador. É neste momento de percepção que age o método indiciário visando desenvolver no historiador um olhar sensível àquilo que não é facilmente localizável no documento.

O presente mini-curso objetiva aprofundar o debate sobre este método e seus usos na pesquisa histórica e no âmbito acadêmico, bem como suas possibilidades de uso dentro do universo da sala de aula, mostrando que o professor pode e deve ser um “pesquisador” já que o saber histórico é inovado diariamente.

A sala de aula também pode ser o espaço de construção deste conhecimento. Assim o professor, ao invés de trabalhar apenas oralmente através de aulas expositivas, pode conciliar o que o seu material didático propõe com uma pesquisa/ação prática realizada após sua explanação. A intenção é criar o sentido detetivesco ao aluno por meio da aplicação básica da micro-história. Os indícios podem surgir numa pesquisa sobre a história da família do docente ou de algum aluno, na qual pode-se incentivar o mapeamento e análise de fontes pessoais de fácil alcance (cartas, relíquias, fotos...) e instigar os alunos a problematizem os costumes e crenças que encontrarem em suas fontes.

Outra aplicabilidade da micro-história em sala de aula pode advir do trabalho com filmes. Alguns deles foram produzidos a partir de livros feitos por historiadores que trabalham a micro-história, como o romance intitulado o “O retorno de Martin Guerre”, baseado no livro da historiadora Natalie Zemon Davis. Estes filmes podem servir para o estudo e discussão da “circularidade cultural” e dos costumes populares, um tema importante para ser tratado pelo professor para repensar com o alunado as crenças e valores locais e romper com preconceitos típicos de uma sociedade contemporânea, urbana e globalizada. O principal objetivo é proporcionar ao discente um novo conhecimento sobre o conceito de “cultura”, valorizando a sua diversidade e contribuindo para que nossos futuros docentes desenvolvam sua capacidade crítica e não sejam apenas criadores de “pré-conceitos”. A intenção é provocar as sensibilidades, permitir um “diálogo” do popular, valorizar leituras próprias do mundo, por mais “bizarras” que nos pareçam nos dias de hoje. Fazer notar ao aluno a originalidade do popular diante de padrões atualmente tão uniformizados e absorvidos sem nenhum critério.

Deve-se chamar atenção aos alunos de que é preciso não se basear apenas nas características mais “vistosas”, mas que também é necessário examinar os pormenores que são a princípio negligenciados. Além dos filmes e fontes pessoais, pretendemos levar para a sala de aula instrumentos didáticos aparentemente simples e de fácil compreensão como figuras de quadros e gravuras para análise e observação dos seus “gestos”, das suas “formas” e “posições”. Figuras que por outra perspectiva de análise apresentam-se completamente distintas daquilo que pareciam ser. A intenção é mostrar como os indícios existentes criam novas imagens e, portanto, novos paradigmas de compreensão do real. Acreditamos que assim vamos contribuir para melhorar a aprendizagem dos alunos no campo da história, assim como em outras disciplinas das ciências humanas.

## *I Encontro de iniciação à prática docente*

### **Referências**

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-historia. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**: Morfologia e Historia. Tradução: Frederico Corote. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.